



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

*SEXISM FREE NIGHT - CONTRIBUTO PARA A
CARACTERIZAÇÃO DO ASSÉDIO E VIOLÊNCIA
SEXUAL EM AMBIENTES RECREATIVOS
NOTURNOS*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa

para obtenção do grau de mestre em Psicologia

Especialização em Justiça e Comportamento Desviante

Maria Luísa Pinto Falcão Ferreira

Porto, 2020



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

*SEXISM FREE NIGHT - CONTRIBUTO PARA A
CARACTERIZAÇÃO DO ASSÉDIO E VIOLÊNCIA
SEXUAL EM AMBIENTES RECREATIVOS
NOTURNOS*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa

para obtenção do grau de mestre em Psicologia

Especialização em Justiça e Comportamento Desviante

Maria Luísa Pinto Falcão Ferreira

Trabalho efetuado sob a orientação de

Prof. Doutora Maria Carmo Carvalho e sob co-orientação de Prof. Doutora Cristiana Pires

Porto, Julho de 2020

Agradecimentos

À Professora Maria Carmo Carvalho, por toda a aprendizagem neste percurso acadêmico e por motivar o meu interesse na área do comportamento desviante e, em específico, nos comportamentos aditivos e na temática da violência sexual e de género. Considero-a uma profissional de referência tenho uma grande admiração por si. Obrigada.

À Professora Cristina Pires por toda a disponibilidade e ajuda com materiais. Tal como a Professora Carmo é uma profissional de excelência e sempre disposta a ajudar. Obrigada!!

Aos meus pais, por serem o meu maior suporte e por fazerem com que este percurso fosse possível, não existem palavras que possam ser suficientes para descrever e agradecer a vossa dedicação e o vosso apoio. Obrigada pelo apoio incondicional. Obrigada pela confiança que sempre depositaram em mim, por sempre me fazerem acreditar que vou conseguir, mesmo quando eu não acredito.

A minha irmã, que não deixou que eu desistisse em nenhum momento e que com toda a sua organização e dedicação me ajudou, dando-me o seu exemplo de sucesso.

À minha avó, a minha irmã Carmelita, que sempre será o meu porto abrigo. Obrigada por todos os momentos vividos especialmente na nossa quarentena. Obrigada pela força que me continuas a dar! Obrigada por me ensinares a ser uma pessoa alegre e brincalhona, mas também exigente, tal como tu.

Aos meus avós paternos que sempre demonstraram uma grande preocupação e apoio no meu sucesso académico.

À Carla, por todo o positivismo, companheirismo e força em todos os momentos. Obrigada por te interessares pelos meus longos discursos acerca das minhas experiências académicas. Obrigada por estares sempre disponível para me consolar e mimar.

Por fim, um enorme obrigado a todos os participantes deste estudo! Sem vocês não seria possível.

Resumo

O presente estudo visa explorar e descrever os consumos de substâncias psicoativas e a ocorrência de violência sexual que têm lugar em ambientes recreativos noturnos em Portugal. O principal objetivo é perceber de que forma é que o consumo de substâncias psicoativas e os diferentes tipos de violência sexual estão presentes nestes ambientes. Neste sentido, definiram-se os seguintes objetivos específicos: 1) descrever as características sociodemográficas dos frequentadores dos ambientes recreativos noturnos; 2) descrever a frequência e os padrões de consumo de SPAs em ambientes recreativos noturnos; 3) descrever a frequência e a predominância dos diferentes tipos de violência sexual nos ambientes recreativos noturnos; 4) descrever a perceção dos inquiridos face ao estado de consumo dos intervenientes de atos de violência sexual.

Nos últimos 30 anos, os ambientes recreativos noturnos têm vindo a afirmar-se como importantes espaços-tempo de lazer nos estilos de vida pós-modernos e nas cidades globais. Estes ambientes reproduzem crenças que têm por base normas sociais hegemónicas baseadas num imaginário patriarcal e, muitas vezes, exacerbam desigualdades sociais e de género. Assim, estes, aliados aos consumos de substâncias psicoativas, atuam como facilitadores de violência de género e sexual que se encontra naturalizada, normalizada e generalizada, através do uso recorrente de imagens hipersexualizadas e estereotipadas de mulheres.

Por ser um tema que pode causar alguns constrangimentos ao nível da obtenção de respostas sinceras, optou-se por uma metodologia quantitativa, recolhendo dados através de um questionário administrado *online*, dividido em 5 partes. Concluímos que o consumo de SPAs está bastante presente neste tipo de ambientes, nomeadamente o consumo de álcool onde 71,3% dos inquiridos afirmam consumir “sempre” e 68,2% “muitas vezes”. No que diz respeito à violência sexual observamos que a sua presença significativa nos ambientes recreativos noturnos portugueses, destacando-se os tipos de violência sexual considerados menos graves, como os “comentários sexuais incómodos” – (97,2%) ou a “insistência face a um não” – (90%) e registando-se alguns casos de violência considerada muito grave, como “atos sexuais com penetração com força física” (7,7%). Quanto aos “atos sexuais sem força física”, a percentagem sobe para o dobro, com 14,5% dos inquiridos a afirmarem que presenciaram situações deste tipo. Importa também referir que os frequentadores destes ambientes quando questionados sobre o estado dos intervenientes de atos de violência sexual, reportam que estes consumiram “pouco ou nada”. No entanto, a diferença é mais subtil na situação de “insistência face a um não”.

Palavras chave: assédio e abuso sexual; ambientes recreativos noturnos; consumo de substâncias psicoativas.

Abstract

This study aims to explore and describe the consumption of psychoactive substances and the occurrence of sexual violence that takes place in nighttime recreational environments in Portugal. The main objective is to understand how the consumption of psychoactive substances and the different types of sexual violence are present in these environments. In this sense, the following specific objectives were defined: 1) to know the sociodemographic characteristics of those who frequent night recreational environments; 2) know the frequency and consumption patterns of SPAs in nighttime recreational environments; 3) know the frequency and prevalence of different types of sexual violence in nighttime recreational environments; 4) know the respondents' perception regarding the consumption status of those involved in acts of sexual violence.

Over the past 30 years, nighttime recreational environments have been asserting themselves as important leisure time-spaces in postmodern lifestyles and in global cities. These environments reproduce beliefs that are based on hegemonic social norms based on a patriarchal imagination and often exacerbate social and gender inequalities. Thus, these allies with the consumption of psychoactive substances, act as facilitators of gender and sexual violence that is naturalized, normalized and generalized, through the recurrent use of hypersexualized and stereotyped images of women.

Thus, because it is a topic that could cause some constraints in terms of obtaining sincere answers, a quantitative methodology was chosen, collecting data through a questionnaire administered online, divided into 5 parts. We conclude that the consumption of SPAs is very present in these types of environments, namely the consumption of alcohol, where 71.3% of the respondents claim to consume "always" and 68.2% "often". With regard to sexual violence, we observed that its significant presence in Portuguese nighttime recreational environments, highlighting the types of sexual violence considered less serious, such as "uncomfortable sexual comments" - (97.2%) or "insistence on face to a no" - (90%) and registering some cases of violence considered to be very serious, such as "sexual acts with penetration with physical force" (7.7%). As for "sexual acts without physical force", the percentage rises to double, with 14.5% of respondents saying that they witnessed situations of this type. It is also important to mention that the users of these environments, when asked about the state of the actors of acts of sexual violence, report that they consumed "little or nothing". However, the difference is more subtle in the situation of "insistence in the face of no".

Keywords: sexual harassment and abuse; nighttime recreational environments; consumption of psychoactive substances.

Índice de Abreviaturas

ARN – Ambientes Recreativos Noturnos

DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis

GBL – Gama-butirolactona

GDS – Global Drug Survey

GHB – Ácido Gama-Hidroxibutírico

IDT – Instituto de Drogas e Toxicodependência

K - Comportamento

LSD - Dietilamida do ácido lisérgico

MDMA – Metilenodioximetanfetamina

NDARC – National Drug and Alcohol Research Centre

OEDT – Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência

OMS – Organização Mundial de Saúde

SPA – Substância Psicoativa

SICAD - Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

VIH – Vírus da Imunodeficiência Humana

WAVAW – Women Against Violence Against Women

Índice de Tabelas

Tabela 1- Caracterização Sociodemográfico da Amostra;

Tabela 2- Género e consumo de substâncias psicoativas

Tabela 3- Género e assédio e abuso sexual – Presença

Tabela 4- Género e assédio e abuso sexual – Experiência

Tabela 5- Comportamentos de assédio e abuso sexual do(a) inquirido(a)

Tabela 6- Perceção do(a) inquirido(a) sobre o seu próprio estado

Tabela 7- Perceção do(a) inquirido(a) sobre o estado da pessoa agressora

Tabela 8- Perceção do estado do inquirido(a) enquanto agressor(a)

Tabela 9- Perceção do estado da vítima do(a) inquirido(a)

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
O Consumo de substâncias psicoativas em ambientes recreativos noturnos.....	3
A violência sexual nos ambientes recreativos noturnos	5
O papel do consumo de substâncias psicoativas na violência sexual preconizada nos ARN	8
Método	10
Metodologia.....	11
Recolha de dados	11
Tratamento de dados.....	12
Amostra	12
Caracterização da amostra	13
Resultados	15
Género e consumo de substâncias psicoativas	15
Género e assédio e abuso sexual – Presença	18
Género e assédio e abuso sexual – Experiência	21
Comportamentos de assédio e abuso sexual do(a) inquirido(a)	23
Perceção do(a) inquirido(a) sobre o seu próprio estado	23
Perceção do(a) inquirido(a) sobre o estado da pessoa agressora.....	24
Perceção do estado do inquirido(a) enquanto agressor(a).....	25
Perceção do estado da vítima do(a) inquirido(a).....	26
Discussão e Conclusão	26
Referências bibliográficas	32

Introdução

Este estudo surge na sequência do projeto SEXISM FREE NIGHT, uma iniciativa de investigação-ação que implementou um conjunto de atividades orientadas para a sensibilização e a prevenção de situações de assédio e abuso sexual em ambientes recreativos noturnos (ARN). Com a intenção de contribuir para o conhecimento destes fenómenos no contexto português, que pudesse também orientar essas intervenções posteriores, conduziu-se uma investigação junto de frequentadores/as de ambientes recreativos noturnos que pretendeu caracterizar os fenómenos da violência sexual e do uso de substâncias psicoativas (SPA) nestes locais. Essa investigação foi o ponto de partida principal para um conjunto de atividades dirigidas a diversos públicos-alvo, incluindo proprietários/as e gerentes de espaços de diversão noturna, trabalhadores/as de espaços de diversão noturna, numa perspetiva de abranger todos os agentes presentes nestes ambientes e que possam estar na posição de vítimas, testemunhas, agressores e sociedade geral. Pretende-se também formar alguns técnicos chave para intervenção nesta temática.

Dentro deste projeto abrangente foi realizado um estudo que se focou na avaliação de necessidades e na recolha de informação pertinente, centrado na descrição dos consumos de SPA e da violência sexual nos ARN. Essa investigação serviu de ponto de referência fases subsequentes do projeto. Nessas fases procedeu-se à redução de riscos nos ambientes recreativos noturnos através da consciencialização e reeducação dos seus frequentadores/as, dos proprietários/as e gerentes de espaços de diversão noturna e dos trabalhadores/as de espaços de diversão noturna, promovendo através desta consciencialização uma mudança comportamental que transforme estes ambientes, em ambientes mais seguros.

Fazendo uma breve pesquisa percebemos que apesar o fenómeno do assédio e do abuso sexual ter cada vez maior visibilidade, a investigação realizada neste domínio está longe de abranger toda as vertentes e a multidimensionalidade do fenómeno. Através de uma revisão de literatura constatou-se que a investigação acerca do assédio e do abuso sexual em ARN, sobretudo no que diz respeito à realidade portuguesa, é muito escassa, apesar de haver já investigação internacional relevante sobre as agressões perpetradas nestes contextos, associada aos consumos de SPA (Becker & Tinkler, 2015; Kavanaugh, 2013).

A crescente adesão da população feminina às vivências e aos consumos de substâncias associados aos ARN não se traduziu numa simetria entre sexos, uma vez que muitos ARN promovem ambientes sexistas. As mulheres que frequentam estes ambientes e são consumidoras de SPA, são vistas como acessíveis e com maior disponibilidade sexual, desculpando e legitimando situações de assédio sexual. (Pires C., Pereira R., Valente H. & Moura H. 2018)

Posto isto deparamo-nos com alguns problemas de partida identificados nesta temática, que vão tornar desde logo pertinente todo o projeto. São eles a existência de uma atitude normalizadora e naturalizada relativamente ao assédio e abuso sexual em ARN e à falta de ações voltadas para a prevenção de agressões e de vitimização sexual nestes ambientes. (Pires C., Pereira R., Valente H. & Moura H. 2018),

Neste estudo, pretende-se demonstrar que, em ARN, este tipo de violência sexual está naturalizado e é exacerbado por ser um contexto associado ao consumo de SPA, desinibição e interações sexualizadas.

Enquadramento Teórico

No âmbito deste estudo é fundamental descrever a evolução dos ARN, ao longo dos tempos, e qual o papel que os consumos de SPA e os comportamentos de violência sexual têm nestes mesmos ambientes. A par com estes dois fatores, é de salientar que o género tem também um papel preponderante na vida noturna. Ao longo dos últimos 30 anos os ARN têm-se vindo a afirmar como importantes espaços de lazer nas cidades globais.

Diversos autores têm definido os ARN como espaços-tempo privilegiados de lazer onde a diversão noturna se configura como uma quebra da rotina com a vida quotidiana, de socialização e de procura ativa de prazer (Hollands 1995; Goulding e Shankar 2011), contrastando com ambientes formais, onde é exigido que exista uma produção constante e onde as relações existentes são pré-estipuladas (Lomba, Apóstolo, Mendes & Campos, 2011).

Assim sendo estes ambientes conquistam não só a população jovem, mas também indivíduos de idade adulta que procuram a “juvenilização” (Elbaum, 2008), ou seja, adultos procuram aceder a ícones de legitimação juvenil. Nestes ambientes as duas faixas etárias procuram a concretização de comportamentos que lhes permitam a obtenção da diversão e do prazer imediato, como por exemplo, certos consumos, usos citadinos, frequência de locais de moda e atividades recreativas padronizadas.

Nos anos 80, o modelo clássico de consumo recreativo era caracterizado por ser um consumo normalizado onde predominava o consumo de álcool mas que passou a normalizar também a cannabis e, em alguns círculos, a cocaína. Ao mesmo tempo, a techno-cultura começa a enraizar-se, passando as festas e raves a ser popularizadas. Além do referido anteriormente, começa a ser frequente o consumo de drogas sintéticas, como speeds, cocaína e ketamina, sendo o ecstasy/MDMA o mais popular. Assiste-se a um policonsumo fundamentalmente recreativo que geralmente não tem problemas associados (Gamella, et. Al., 1997; Rekalde e Vilches, 2005; Romo, 2001). Apesar de serem drogas ilegais, seu consumo não é estigmatizado, uma vez que é realizado nos ARN Estes consumos acabam por ser um risco para os frequentadores destes ambientes, que embora estejam cientes da sua existência e das

precauções a tomar, muitas vezes preferem correr o risco numa ótica de aproveitamento do ambiente onde se inserem.

O Consumo de substâncias psicoativas em ambientes recreativos noturnos

As substâncias psicoativas são de uma maneira geral, utilizadas para produzir alterações nas sensações, no grau de consciência ou no estado emocional de forma intencional ou não. As alterações causadas por essas substâncias variam de acordo com as características da pessoa que as usa, de qual a droga utilizada, em que quantidade, do efeito que se espera e das circunstâncias em que esta é consumida (Nutt, 2010).

Cada consumidor apresenta características biológicas (físicas) e psicológicas, que tendem a revelar diferentes reações quando expostos a determinadas substâncias. O estado emocional da pessoa e suas expectativas relativamente à substância são bastante importantes no momento do consumo. O ambiente em que se dá esse consumo, também pode influenciar o tipo de reação que a substância pode produzir. Assim podemos afirmar que o local, as pessoas e o contexto no qual o consumo acontece podem interferir nos efeitos causados (Julião, 2012).

Existe uma tendência para a considerarmos as substâncias ilegais, mais prejudiciais e perigosas à nossa saúde, como a canábis, a cocaína e o crack; porém, do ponto de vista da saúde, muitas substâncias legalizadas, como por exemplo o álcool, podem ser igualmente perigosas.

Quando observamos o consumo de substâncias nos ARN é perceptível que se assiste à generalização e normalização do consumo recreativo de álcool e drogas que potenciam a adoção de outros comportamentos de risco associados, tais como os comportamentos sexuais desajustados, condução rodoviária perigosa e violência. Zuckerman e Kuhlman (2000) concluíram, num estudo com população universitária, que os efeitos desinibidores do álcool e das drogas têm, provavelmente, um papel influente no envolvimento em comportamentos sexuais de risco, tal como o sexo desprotegido com desconhecidos. Regista-se também que estes jovens têm perceção do risco que correm ao adotar este tipo de comportamentos, apesar da falta de autocontrolo para evitar ou recusar esses mesmos comportamentos.

Dependendo da substância consumida e dos efeitos que esta provoca os consumidores(as) podem apresentar consequências como a inconsciência, lapsos de memória, ou dificultar a tomada de decisões, de identificação de situações perigosas, ou diminuir a coordenação e resistência física, efeitos que podem induzir estados de vulnerabilidade e, portanto, facilitar a violência sexual registada nestes ambientes (Dawgert, 2009).

O álcool é a SPA mais associada a situações de violência sexual nos ambientes recreativos noturnos e, contrariamente a outras, é uma substância socialmente aceite e encorajada em alguns

contextos (Dawgert 2009), como é o caso dos que estamos a explorar. A este nível, importa sublinhar que a relação entre consumo de SPA e a violência sexual é multidimensional. A investigação demonstra que, no que diz respeito ao álcool, o consumo não é um fator causativo por si só, mas que os seus efeitos cognitivos e farmacológicos interagem com características individuais (personalidade, crenças acerca do consumo de álcool e sexo) e normas sociais e culturais sobre género.

Os estudos existentes relativos aos consumos problemáticos de substâncias oferecem-nos uma visão sobretudo androcêntrica, uma vez que tradicionalmente a grande maioria dos utilizadores são homens. Por isso, assistimos a uma escassez de estudos que suportem as especificidades deste tipo de consumos nas mulheres (Romo 2004; OEDT 2006). Embora se registe a predominância de estudos voltados para o homem, mais recentemente alguns estudos têm vindo a explorar o consumo de SPA a partir da perspetiva da mulher, considerando as suas especificidades, os seus papéis, perceções, expectativas sociais e riscos (Romo 2004, Benoit e Dambélé 2015).

As mulheres enfrentam problemas específicos relacionados com o seu sexo e género, quer nos usos que fazem de drogas, quer no seu contacto com os serviços existentes na comunidade (SICAD; 2018; OEDT, 2019). Esses problemas prendem-se com o duplo estigma uma vez que o consumo, colide adicionalmente com os papéis de género (mãe, cuidadora) e este facto agrava a vergonha reforçada frequentemente por serviços que contribuem para essa discriminação; com as desvantagens socioeconómicas e vulnerabilidade social; com o menor suporte social, uma vez que tendem a vir de famílias que já tem problemas relacionados com drogas ou tem um companheiro que consome drogas o que apresenta uma papel significativo na iniciação, continuação ou recaída de mulheres que usam drogas; e com a maior vulnerabilidade à infeção por HIV e/ou outras DST, uma vez que existe uma maior propensão a partilhar material de consumo (seringas) e a enveredar pelo trabalho sexual para angariar dinheiro. (SICAD; 2018; OEDT, 2019) Resumindo o consumo de drogas é visto como um comportamento ainda mais reprovável se a pessoa utilizadora for uma mulher ou uma pessoa com diversidade de género ou orientação sexual.

Neste cenário, deparamo-nos com alguns incentivos para a mudança como a necessidade de investigar os consumos numa perspetiva de género, dando maior visibilidade às mulheres, promovendo serviços para pessoas que utilizam drogas que sejam sensíveis ao género, ou seja serviços passíveis de dar respostas específicas para as mulheres e pessoas com diversidade de género e orientação sexual.

As dinâmicas de risco específico com base no género diferem quando comparadas com consumos mais problemáticos de substâncias psicoativas, mas persistem neste contexto, os riscos vivenciados, de forma desproporcional, por mulheres tem a ver com a interseção entre as características

dos ambientes e com os consumos e outros comportamentos individuais que emergem nesses ambientes (Aldridge et al., 2011; Pavarin, 2015; Cruz, 2015).

Apesar de existir cada vez menos diferenças de género nas prevalências de consumo de álcool, os homens apresentam padrões de consumo mais excessivos (maior quantidade de álcool em menos tempo) e exibem, de forma significativa, mais consequências negativas relacionadas com o consumo de álcool do que as mulheres. Em 7 das 17 categorias analisadas (distúrbios em espaço público, muitas hospitalizações, violência e sexo desprotegido) por outro lado as mulheres implementam mais estratégias e comportamentos de proteção do que os homens (redução de riscos, limitar o consumo, padrão de consumo), sendo que a única consequência negativa que afeta mais as mulheres (de forma significativa) é o “assédio abusivo ou agressão” (14,9%) (Balasch, Antelo, Pires & Carvalho, 2018).

A violência sexual nos ambientes recreativos noturnos

As práticas de assédio e o abuso sexual incluem uma vasta gama de comportamentos sexuais praticados contra a vontade das pessoas vitimizadas. A definição desta temática não é consensual, assim recorremos à definição segundo a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2012). Neste contexto, violência sexual diz respeito a “qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, avanços ou comentários sexuais indesejados, tráfico, ou outro ato dirigido à sexualidade de alguém usando coerção, por outra pessoa independentemente do tipo de relação que mantém com a vítima, em qualquer contexto, não se limitando a casa ou ao trabalho”. De acordo com o mesmo relatório a violência sexual atinge principalmente mulheres; entre os fatores de vulnerabilidade das vítimas são identificadas as categorias “ser jovem”, “consumir álcool ou drogas” ou “ter tido vários parceiros sexuais”.

Em Portugal temos assistido a uma constante atualização da legislação com objetivo de incorporar os contributos científicos e os movimentos de direitos humanos. Assim em 2015 realizou-se a última alteração ao código penal em cumprimento do disposto na Convenção de Istambul de 2011, cujo objetivo principal visou a implementação de medidas que contribuíssem para erradicar a violência e a discriminação contra as mulheres, promovendo a igualdade de género.

Nos últimos tempos assistimos a uma evolução da legislação portuguesa, através do aumento do tempo de pena e de definições mais abrangentes e inclusivas, sobre esta temática podemos observar que esta ganha progressivamente visibilidade na lei e que é encarada com seriedade inclusive a importunação sexual, ou seja, quem importunar outra pessoa, praticando perante ela atos de carácter exibicionista, formulando propostas de teor sexual ou constringendo-a a contacto de natureza sexual, é um crime punido em Portugal com pena de prisão 1 ano ou com pena de multa até 120 dias (Lei n.º 83/2015 do artigo 170º do Código Penal). Ainda assim existe ainda um longo caminho a percorrer, não só em termos de legislação, mas também a nível social.

Tal como as violações, que são situações de agressão sexual vistas como graves, outras situações como a insistência face a um não, a perseguição, os toques íntimos não consentidos, deveriam ser também reprováveis. Ao invés estes comportamentos são normalizados e até mesmo desculpabilizados. Contudo, independentemente da gravidade, destes comportamentos e situações ambos refletem o mesmo tipo de desigualdades de género (Noctambul@s 2017).

A Convenção de Istambul, concebe todas as formas de violência contra as mulheres como violência de género, afirmando que esta afeta desproporcionalmente as mulheres. Neste âmbito é reforçado que a violência sexual inclui, não apenas as situações associadas a violência e a coação grave, mas também os subvalorizados episódios de assédio sexual já referidos anteriormente (Sottomayor 2015).

A participação das mulheres tornou-se mais ativa na cultura recreativa o que tem levado a uma homogeneização entre homens e mulheres na “experiência social”. Devido ao aparecimento de valores como a igualdade e o respeito; o amor, a aparência e a sexualidade; o prazer e à possibilidade de se poder entregar à dança definidos por McRobbie (1993) como a nova era “Dance”. Atualmente as mulheres apresentam uma maior adesão à subcultura juvenil e aos ARN potenciando novas mudanças e novos modos de afirmação da feminilidade.

Neste contexto, a afirmação de uma maior liberdade sexual feminina é confundida com disponibilidade sexual e acesso, induzindo a ideia de que se justificam e legitimam formas de interação sexualizadas com ou sem consentimento. Toques ou outros contactos sexuais de menor intensidade (por exemplo, “roçar”), têm vindo a tornar-se norma em ambientes recreativos. Apesar de as mulheres anteciparem estes comportamentos, aceitam-nos como uma condição inevitável para frequentar estes ambientes, embora muitas vezes se sintam zangadas e invadidas na sua privacidade (Christmas & Seymour, 2014 citados por Gunby et al, 2016).

Existem nos ARN fatores que perpetuam este tipo de comportamentos e que acabam por trazer ao de cima a expressão “rape culture” (cultura da violação). Esta surgiu nos anos 70 nos Estados Unidos da América e foi dada conhecer pelo movimento feminista. Já nos anos 80, a associação canadiana de proteção de vítimas de assédio sexual WAVAW (Mulheres Contra a Violência Contra Mulheres) definiu esta ameaça como “todo o conjunto de ações e normas sociais que levam à culpabilização da vítima e do assédio sexual normativo e conseqüente violência sexual masculina”.

Em Portugal, o assunto tornou-se incontornável, com o debate gerado em torno de imagens de cenas de sexo captadas nas Queimas das Fitas e divulgadas sem consentimento dos seus protagonistas.

A Rede 8 de Março é uma das associações envolvidas na organização das manifestações, que contam com o apoio de 35 associações unidas sob o lema “Mexeu com uma, mexeu com todas”. A “cultura da violação” que pretendem denunciar inclui não só o crime sexual consumado, mas, também,

toda “a sexualização e objetificação da mulher, assim como o assédio e a normalidade como tudo isto é visto pela nossa sociedade

A cultura da violação “é aquela que aceita que os desejos de um homem se podem sobrepor ao “não” de uma mulher. É uma cultura que concebe as mulheres como objetos sexuais e de consumo masculino e não como seres autodeterminados”. Uma cultura “que afirma que os homens não são capazes de controlar os seus impulsos e que, por isso, desculpa os comportamentos agressivos e pretende fazer passar por natural a violência”. “Isto está muito entranhado na sociedade portuguesa. Repare-se que sempre que há relato de uma agressão, as primeiras questões que são colocadas são: o que trazia a mulher vestido? Que horas eram? Onde ocorreu a agressão? Ou seja, a vítima é responsabilizada pela agressão que sofreu. Transformar a vítima em culpada e procurar atenuantes para um comportamento que é crime é cultura da violação”

A Pirâmide da Cultura da Violação, adaptada a partir de 11th Principle: Consent e traduzida para português pelo @Sexism Free Night, faz um apanhado pertinente a cerca deste tema colocando de forma breve e sucinta que todos os pequenos comportamentos e atitudes supra referidos que são todos os dias normalizados, vão de uma forma sistemática reforçar e desculpar os comportamentos do cimo da pirâmide como por exemplo “toques não consentidos”; “minar a bebida”; “tirar fotografias ou realizar vídeos sem consentimento” e até mesmo a violação, seja ela com o uso ou não da força física.

Segundo Dawgert (2009), os agressores sexuais procuram, normalmente, vítimas a quem atribuem menos poder na sociedade como, por exemplo, utilizadores de SPA, mulheres, idosos, crianças, adolescentes, imigrantes, refugiados, etc. Isto comprova que, de forma intencional, os agressores procuram alvos que, por um lado, sejam mais fáceis de ser agredidos e, por outro, tenham menos probabilidade de denunciar as situações ou, se o fazem, sejam menos credíveis. Logo, as mulheres frequentadoras de ambientes noturnos são especialmente vulneráveis sendo “jovens”, “utilizadoras de álcool ou drogas” e/ou “tiverem tido vários parceiros sexuais” (OMS, 2002).

As frequentadoras destes ambientes estão cientes desta realidade, mas uma vez que excluir a diversão noturna e o consumo de drogas não é uma opção, entendem que os riscos da violência sexual podem fazer parte dos preços a pagar ao viverem essas experiências (Noctambul@s 2016,16). Apesar disso, algumas mulheres adotam estratégias de gestão de risco individual, ou seja, passam a adotar comportamentos que noutras situações não teriam, modificando-os de modo a não serem vitimizadas (Kavanaugh & Anderson, 2009). Alguns exemplos destes comportamentos são andar em grupo ou adotar estratégias de proteção com os pares, impor limites nos consumos, recusar bebidas de pessoas que não conhecem (isso seria interpretado como uma forma de avanço sexual ou permissividade) e vigiar a bebida com receio de que tentem drogá-las involuntariamente (Kavanaugh & Anderson, 2009).

Quando ocorrem situações de violência sexual reportadas aos profissionais de saúde, estes afirmam que várias raparigas se dirigem aos serviços médicos logo após a uma agressão sexual alegando que lhes foi colocado algo na bebida. Na verdade, ao longo do tempo, estes profissionais foram percebendo que este argumento foi apenas utilizado para que não se duvidasse do seu estatuto de vítima. Grande parte das agressões sexuais resulta da fragilidade e da indefensabilidade, induzida pelo consumo de álcool (Sánchez, 2016) juntamente com outras variáveis contextuais. No entanto, apenas uma pequena percentagem de agressões sexuais acontece sobre submissão química premeditada - a vítima não tem conhecimento de que está a consumir uma substância psicoativa colocada pelo agressor, por exemplo, na sua bebida (Noctambul@s, 2016).

Por fim, é também referido pelos profissionais que as vítimas podem posteriormente vir a sofrer de stress pós-traumático, sentimentos de raiva, vergonha e negação, dificuldades no relacionamento interpessoal, uso de SPA, depressão e suicídio. As consequências físicas mais comuns são ferimentos, infeções sexualmente transmissíveis e gravidezes indesejadas (Gunby et al., 2012).

O papel do consumo de substâncias psicoativas na violência sexual preconizada nos ARN

Relativamente ao consumo de substâncias psicoativas e ao papel das mesmas na violência sexual, trata-se duma relação complexa uma vez que abrange várias dimensões, tais como os consumos realizados pelas vítimas, os consumos realizados pelos agressores e a forma como estes consumos são vistos pelos agentes participantes dos ARN e pela sociedade em geral. Estima-se que entre metade a dois terços das agressões sexuais envolvam álcool (Abbey, 1991; Pernanen, 1991, citado por Ullman, 2003). Da mesma forma, Koss (1989, citado por Horvath & Brown, 2006) apurou que 55% das vítimas e 73% dos agressores consumiram álcool ou outras drogas antes ou durante uma agressão sexual.

No caso específico da canábis, o que acontece é que as vítimas sob influência desta substância são consideradas mais responsáveis pela sua vitimização, e os agressores sob influência são considerados menos responsáveis pela sua agressão.

O álcool é a SPA mais associada a situações de violência sexual e, contrariamente a outras, é uma substância socialmente aceite e encorajada em alguns contextos (Dawgert 2009), como é o caso dos contextos festivos. A este nível, importa sublinhar que a relação entre consumo de SPA e agressões sexuais é multidimensional. A investigação demonstra que, no que diz respeito ao álcool, o seu consumo não é um fator causativo por si só, mas que os seus efeitos cognitivos e farmacológicos interagem com características individuais (personalidade, crenças acerca do consumo de álcool e sexo), e normas sociais e culturais sobre género. (Pires C., Pereira R., Valente H. & Moura H. 2018) Neste sentido, para compreender a relação entre álcool e agressões sexuais é importante introduzir questões contextuais, principalmente quando se pretendem implementar medidas preventivas (Wall e Quadara 2014).

Segundo um estudo realizado a jovens que frequentam o ensino superior em Coimbra, apurou-se que os comportamentos de risco decorrentes do consumo de substâncias psicoativas não são na sua totalidade inconscientes, já que 504 jovens do mesmo estudo (47,01%) consideram que álcool e drogas influenciam o seu processo de decisão de ter uma relação sexual de risco e 110 (8,89%) reconheceu que, nos últimos 12 meses, teve relações sexuais, devido ao consumo de drogas ou álcool, de que mais tarde se arrependeu. Emerge, ainda, deste estudo, que a associação de álcool ou de drogas às relações sexuais é premeditada para uma fasquia considerável de jovens, uma vez que estes mencionam pretender obter efeitos de cariz sexual com o seu consumo, donde se destaca o álcool e a cannabis, usados preferencialmente para facilitar o início de relações sexuais (referido por 17,97% e 4,69% dos jovens, respetivamente) e o álcool, a cannabis e a cocaína para ajudar a práticas sexuais invulgares ou mais excitantes (referido por 7,40%, 2,86% e 2,31% dos jovens, respetivamente). (L. Lomba, J. Apostolo, H. Loureiro, J. Graveto, M. Silva & F. Mendes, 2008)

A violência sexual em contextos festivos deve ser observada a partir de uma perspetiva de género, que considera que não é o consumo de SPA que justifica estes comportamentos, mas, sim, a construção social do masculino e do feminino. (Pires C., Pereira R., Valente H. & Moura H. 2018),

Mulheres que consumam substâncias psicoativas são muitas vezes apelidadas de mulheres “fáceis” e “vulneráveis” e conseqüentemente vistas como menos respeitáveis e com maior disponibilidade sexual. (Noctambul@s 2016). Dependendo da substância consumida e dos efeitos que esta provoca os consumidores/as podem apresentar conseqüências como a inconsciência, lapsos de memória, ou dificuldade na tomada de decisões, de identificação de situações perigosas, ou diminuir a coordenação e resistência física, efeitos que podem induzir estados de vulnerabilidade e, portanto, facilitar agressões sexuais (Dawgert, 2009).

No que diz respeito aos agressores, o facto de estarem sobre o efeito de substâncias psicoativas pode limitar a capacidade de mecanismos físicos e/ou psicológicos influenciando assim os inibidores que estariam presentes sem consumo. Para os agressores as substâncias psicoativas podem então ser utilizados para desculpabilizar os comportamentos levados a cabo pelo mesmos e também como um plano que torne a vítima mais vulnerável a agressões sexuais. (Noctambul@s, 2016).

A permissividade para com as situações de violência sexual presente nestes contextos deve-se fundamentalmente aos seus códigos e mensagens subliminares relacionados com os papéis de género. Se algumas situações de assédio sexual ocorressem noutros contextos seriam muito mais recriminadas e punidas (Noctambul@s 2016). Vários estudos reportam diferenças na perceção de homens e mulheres utilizadores/ as de álcool: embriaguez, perda de controlo e exagero são características associadas aos homens consumidores de SPA (Sznitman 2007; Østergaard 2007). As mulheres que adotam estes padrões de consumo são mais facilmente consideradas desviantes, «fáceis», vulneráveis e com maior disponibilidade sexual (Sznitman 2007; Gunby et al., 2016; Noctambul@s 2016). No seu estudo,

Sznitman (2007) conclui que as mulheres se sentem constantemente observadas nos seus consumos de álcool e procuram não exceder os seus limites para manter a postura e o autocontrolo que são esperados delas. (Pires C., Pereira R., Valente H. & Moura H. 2018)

A maioria dos eventos comerciais encoraja o consumo de álcool através de promoções de bebida e de temas de eventos aliados ao sexo e ao álcool (Kavanaugh & Anderson, 2009). É possível observar a estrutura altamente sexualizada em que estes consumos assentam, tanto em noites especiais como as ladies night, como em noites em que há promoções ou ofertas de bebidas (Kavanaugh & Anderson, 2009). Este fetichismo da mulher através do álcool é observável através de vários fatores de contexto, como, por exemplo, as bartenders vestirem-se de forma provocadora enquanto oferecem shots, tal como as dançarinas (Kavanaugh, 2015; Kavanaugh & Anderson, 2009). O DJ, por seu turno, incentiva o consumo de álcool e normaliza o consumo elevado, ao mesmo tempo que instiga comportamentos sexuais. Ao atribuir uma conotação sexual ao álcool e ao institucionalizar rituais de dominância masculina, a organização social destes eventos reproduz a desigualdade entre homens e mulheres, trivializando experiências de vitimização e risco (Kavanaugh, 2015; Kavanaugh & Anderson, 2009).

A informação teórica recolhida revela a existência de muitos estereótipos de género cuja desconstrução é urgente, investindo em educação para a igualdade de género e para a não-violência sexual. Revela também uma atitude normalizadora e naturalizada relativamente ao assédio e abuso sexual em ARN e à falta de ações voltadas para a prevenção de agressões e de vitimização sexual nestes ambientes.

Assim este estudo torna-se pertinente para recolher e compilar informação sobre os ambientes recreativos portugueses, os seus frequentadores, os tipos de consumos de SPA e os diferentes aspetos da violência sexual, com o objetivo de contribuir para compreender qual a intervenção mais eficaz nestes ambientes.

Método

O presente estudo tem como objeto os ambientes recreativos noturnos, os consumos de substâncias e os comportamentos de violência sexual presentes nos mesmos. Assim, o principal objetivo é descrever de forma exploratória de que forma é que os diferentes consumos de substâncias psicoativas e o diferentes tipos de violência sexual estão presentes nestes ambientes. Neste sentido, definiram-se os seguintes objetivos específicos: 1) descrever as características sociodemográficas dos frequentadores dos ambientes recreativos noturnos; 2) descrever a frequência e os padrões de consumo de SPA em ambientes recreativos noturnos; 3) descrever a frequência e a predominância dos diferentes tipos de violência sexual nos ambientes recreativos noturnos; ; 4) descrever a perceção dos inquiridos face ao estado de consumo dos intervenientes de atos de violência sexual.

Metodologia

Tendo em conta aqueles que são os objetivos do presente estudo a metodologia do mesmo será preconizada numa lógica quantitativa, uma vez que se pretende a caracterização e o aumento do conhecimento em relação ao objeto de estudo (Balvanes & Caputi, 2001), a abordagem nomotética permitirá identificar características gerais e tendências do objeto em estudo através de uma pesquisa descritiva (Balvanes & Caputi, 2001).

As pesquisas descritivas podem tentar explicar a relação entre as variáveis, aproximando-se mais das investigações explicativas, ou providenciar uma nova visão do problema, aproximando-se mais das investigações exploratórias (Gil, 1985) - neste trabalho foi seguida esta última.

A metodologia será também realizada de uma forma participativa envolvendo os/as seus/suas beneficiários/as, concebendo-os não como simples recetores da intervenção, mas como agentes ativos na construção de conhecimento, definição de ações e seus materiais e na avaliação das suas atividades.

Recolha de dados

Uma vez que a temática em estudo é sensível, íntima, potencialmente intrusiva, e que poderia afastar respondentes em registo face a face ou inibir as respostas de quem se predispusesse a preenchê-lo, a recolha de dados foi realizada através de um questionário online adaptado do questionário do 4º relatório de 2016/2017 do observatório Noctambulas (Noctambul@s, 2016), acerca da relação entre assédio e abuso sexual em ambientes recreativos e consumo de substâncias psicoativas junto de frequentadores desses ambientes.

O questionário foi dividido em cinco principais partes. Na primeira parte pretende recolher-se dados sociodemográficos com 7 itens onde se pretende saber género; idade; data de nascimento; estado civil; situação familiar; nível de escolaridade; situação de emprego; na segunda pretende-se recolher dados sobre a frequência e as motivações para a frequência dos ambientes recreativos noturnos; e sobre o consumo de substâncias psicoativas nestes ambientes; na terceira parte o questionário pretende que enquanto frequentador dos ambientes recreativos noturnos, o indivíduo relate a sua experiência enquanto expectador dos diferentes tipos de violência sexual; e que descreva também em que estado se encontravam as vítimas e os agressores; a quarta parte o questionário pretende que enquanto frequentador dos ambientes recreativos noturnos, o indivíduo relate a sua experiência enquanto vítima dos diferentes tipos de violência sexual; e que descreva também em que estado se encontrava e em que estado estava o seu agressor; a quinta parte o questionário pretende que enquanto frequentador dos ambientes recreativos noturnos, o indivíduo relate a sua experiência enquanto agressor dos diferentes

tipos de violência sexual; e que descreva também em que estado se encontrava e em que estado estava a sua vítima;

Tratamento de dados

O tratamento e análise dados, foi realizado com apoio do programa IBM SPSS Statistics. O objetivo foi criar uma base de dados transformando os itens do questionário em variáveis, inserindo posteriormente as respostas recolhidas através do mesmo. Com o objetivo de descrever se existem diferenças de género no consumo de substâncias psicoativas e nos comportamentos de violência sexual em ambientes recreativos noturnos, recorreu-se à análise de tabelas de contingência.

Amostra

A amostra do presente estudo foi constituída através de um procedimento de amostragem não probabilístico, por conveniência. Tendo em conta que a população que frequenta os ambientes recreativos noturnos é, maioritariamente, uma população jovem, cujas idades oscilam entre os 15 e os 35 anos (Lomba et al., 2011), seria importante que esta amostra incidisse nessa população, mas uma vez que a logística da aplicação dos questionários na janela etária entre os 15 e os 17 anos é bastante complicada, apenas maiores de idade responderam ao questionário. O questionário foi publicado nas redes sociais, nomeadamente em diferentes páginas do facebook, e foi pedido às pessoas que o divulgassem também, num sistema de “bola de neve”. Foi também partilhado por email com algumas entidades que fizeram chegar o questionário à população esperada, como por exemplo grupos de estudantes do ensino superior que receberam o questionário através dos serviços de psicologia das suas unidades académicas. De ressaltar que os critérios de exclusão da amostra foram: a não frequência de ambientes recreativos noturnos e a não maioridade. Assim sendo, apesar da divulgação se orientar mais para a população jovem, qualquer pessoa pôde responder ao questionário, desde que fosse um frequentador dos ambientes recreativos noturnos.

Caracterização da amostra

Tabela 1- Caracterização Sociodemográfico da Amostra

		N	%
Sexo	Masculino	127	23,3%
	Feminino	417	76,4%
	Outra	2	0,3%
	Total	546	100%
Idade	17-24	190	34,8%
	25-34	214	39,2%
	35-44	110	20,1%
	45-55	30	5,5%
	> 55	2	0,4%
	Total	546	100%
Nacionalidade	Portuguesa	519	95,1%
	Brasileira	11	2,0%
	Espanhola	9	1,6%
	Outras	7	1,3%
	Total	546	100%
Saídas à noites	1 x semana	162	29,7%
	1 x semana e 1 x mês	193	35,3%
	1 x mês e 1 x trimestre	132	24,2%
	< 1 x trimestre	43	7,9%
	Não saiu no último ano	16	2,9%
	Total	546	100%

A amostra foi composta por 546 inquiridos(as) (Tabela 1). No que diz respeito ao género podemos observar que grande parte dos inquiridos são do género feminino com 76%. Relativamente à idade, os inquiridos têm entre os 17 e 62 anos, sendo a média de 30 anos. Esta variável foi recodificada em 5 grupos etários, sendo que o grupo com mais inquiridos se situa entre os 25 e 34 anos (39%), seguido dos grupos entre os 17-24 anos (35%), entre os 35-44 anos (20%), entre 45-55 anos (6%), e finalmente acima dos 55 anos (0,4%). No que se refere à nacionalidade, a grande maioria é portuguesa (95%), seguida da brasileira (2%) e espanhola (1,6%). Quanto à frequência de saídas à noite, a grande maioria sai com alguma frequência (65%). Assim, 35% sai entre uma vez por semana e uma vez por mês, 30% sai uma vez por semana, 24% entre uma vez por mês e uma vez por trimestre.

Resultados

Género e consumo de substâncias psicoativas

Com o objetivo de avaliar a frequência dos consumos de SPAs e a existência de diferenças de género no consumo das mesmas nos ARN, recorreu-se à análise de uma tabela de contingência que apresentamos abaixo onde discriminamos o tipo de substância e a sua frequência consoante o género.

		Álcool		Tabaco		Canábis		Cocaína		Ketamina		GHB/GBL		MDMA/E		Psicadélicas		Anfetamina		Heroína		Outras	
		♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀
Nunca	N	1	21	38	133	53	221	88	343	112	396	118	409	83	331	89	361	102	371	125	408	115	393
	%	0,8	6,7	29,9	31,4	41,7	53,0	69,3	82,3	88,2	95,0	92,9	98,1	65,4	79,4	70,1	86,6	80,3	89,0	98,4	97,8	90,6	94,2
Poucas vezes	N	14	51	11	31	23	77	21	41	7	14	8	5	20	46	24	39	14	22	2	5	9	18
	%	11,0	12,2	8,7	7,7	18,1	18,5	16,5	9,8	5,5	3,4	6,3	1,2	15,7	11,0	18,9	9,4	11,0	5,3	1,6	1,2	7,1	4,3
Algumas vezes	N	18	65	15	37	20	58	10	24	6	7	1	3	16	29	11	14	6	19	0	4	3	5
	%	14,2	15,6	11,8	9,6	15,7	13,9	7,9	5,8	4,7	1,7	0,8	0,7	12,6	7,0	8,7	3,4	4,7	4,6	0	1,0	2,4	1,2
Muitas vezes	N	50	120	19	46	16	33	6	8	2	0	0	0	6	11	3	3	5	5	0	0	0	1
	%	39,4	28,8	15,0	11,9	12,6	7,9	4,7	1,9	1,6	0	0	0	4,7	2,6	2,4	0,7	3,9	1,2	0	0	0	0,2
Sempre	N	44	153	44	170	15	28	2	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	%	34,6	36,7	36,6	39,3	11,8	6,7	1,6	0,2	0	0	0	0	1,6	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	N	127	417	127	417	127	417	127	417	127	417	127	417	127	417	127	417	127	417	127	417	127	417
	%	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Pela análise da tabela 2, podemos observar que as diferenças de consumo de álcool e tabaco são muito ténues. De facto, as maiores diferenças no que diz respeito ao álcool, verificam-se nos níveis de consumo “muitas vezes” e “nunca”. Assim, temos 39,4% dos homens a afirmarem que consomem “muitas vezes” e 28,8% das mulheres. Por outro lado, temos apenas 0,8% de homens que afirmam “nunca” consumirem contra 6,7% de mulheres. No que diz respeito ao tabaco as maiores diferenças situam-se nos níveis de “muitas vezes”, em que os homens apresentam maior percentagem (15,0%) do que as mulheres (11,0%); e “sempre”, em que as mulheres apresentam maior percentagem (40,8%) do que os homens (34,6%).

Quando olhamos para os consumos de Canábis; Cocaína; Ketamina; GHBL/GBL; Ecstasy/MDMA, Psicadélicas; e Speeds e Anfetaminas verificamos que os homens apresentam valores de consumo superiores aos das mulheres.

No que diz respeito à Canábis as maiores diferenças situam-se nos níveis “muitas vezes” e “sempre”, em que os homens apresentam valores de 12,6% para “muitas vezes” e 11,8% para “sempre”, contra 7,9% e 6,7% das mulheres, respetivamente. Em contrapartida, as mulheres apresentam percentagem superior no nível “nunca” com 53% contra 41,7% dos homens.

O consumo de Cocaína apresenta maiores proporções de homens em todos os níveis de consumo, exceto em “nunca”. Temos 16,5% de homens a afirmarem que consomem “poucas vezes” e 9,8% de mulheres; 7,9% de homens a afirmarem que consomem “algumas vezes” e 5,8% de mulheres; 4,7% de homens que consomem “muitas vezes” comparativamente a 1,9% de mulheres; e 1,6% de homens que consomem “sempre” contra 0,2% de mulheres. Adicionalmente, temos mais mulheres que afirmam que “nunca” consomem (82,3%) comparativamente aos homens (69,3%).

Tal como registado nos consumos de Cocaína, nos consumos de Ketamina temos mais percentagem de homens em todos os níveis de frequência, exceto no nível “nunca”, em que as mulheres predominam. No que diz respeito à frequência “poucas vezes” temos 5,5% de homens comparativamente a 3,4% de mulheres; na frequência de “algumas vezes” temos 4,7% de homens e 1,7% de mulheres, e na frequência de “muitas vezes” temos 1,6% de homens contra 0,0% de mulheres. Em contrapartida, temos 95 % de mulheres que afirmam que “nunca” consomem, comparativamente a 88,2% de homens.

Os resultados de consumos de GHBL/GBL embora sejam superiores quando falamos nos consumos dos homens, as diferenças são muito ténues. De facto, temos 6,3% de homens a afirmarem que consomem “poucas vezes” contra apenas 1,2% de mulheres. Em contrapartida, é maior a percentagem de mulheres a afirmar que nunca consome (98,1%), comparativamente aos homens (92,9%).

Analisando os consumos de Ecstasy e MDMA de facto, temos proporções muito superiores de homens em todos os níveis em que há consumo. No que diz respeito ao nível “poucas vezes” temos 15,7% de homens contra 11,0% de mulheres; no nível “algumas vezes”, temos 12,6% de homens contra 7,0% de mulheres; no nível “muitas vezes” temos 4,7% de homens contra 2,6% de mulheres; e no nível “sempre” 1,6% de homens contra 0,0% de mulheres. Já no que diz respeito ao nível “nunca” a percentagem de respostas das mulheres (79,4%) é superior à dos homens (65,4%).

As análises dos consumos de substâncias Psicadélicas apresentam que as proporções de homens que afirmam consumir, comparativamente às proporções de mulheres, é mais do dobro em todas as opções em que há frequência de consumo. Assim, temos 18,9% de homens e 9,4% de mulheres a afirmarem que consomem “poucas vezes”; 8,7% de homens e 3,4% de mulheres a afirmarem que consomem “algumas vezes”; e 2,4% de homens e apenas 0,7% de mulheres a afirmarem que consomem “sempre”. Já no que diz respeito à opção nunca consome, a proporção de mulheres (86,6%) é superior à dos homens (70,1%).

Tal como o que observamos no consumo de substâncias Psicadélicas, no consumo de Speeds e Anfetaminas as proporções de homens que afirmam consumir, comparativamente às proporções de mulheres, é mais do dobro em todas as opções em que há frequência de consumo. Com efeito, temos 11,0% dos homens a afirmarem que consomem “poucas vezes” e 5,3% das mulheres; e 3,9% dos homens a afirmarem que consomem “muitas vezes” contra 1,2% das mulheres. Adicionalmente, há 89% de mulheres a afirmarem que “nunca” consomem e 80,3% dos homens.

Antagonicamente às substâncias acima referidas e tal como se regista nos consumos de álcool e tabaco, as diferenças de consumos de Heroína e Opiáceos; e de Outras substâncias não se revelam significativas. Além disso a maioria dos participantes do questionário afirma nunca consumir este tipo de substâncias. Verificamos também que é nestas categorias de substâncias que existe maior frequência de consumo por parte das mulheres, uma vez que registamos consumos de Heroína e Opiáceos no nível “algumas vezes” e que registamos consumos de outros tipos de substâncias no nível “muitas vezes”.

Nos consumos de Heroína e Opiáceos temos 1,6 % dos homens a afirmarem que consomem “poucas vezes” e 1,2% das mulheres; e 0 % dos homens a afirmarem que consomem “algumas vezes” contra 1 % das mulheres. Adicionalmente, há 97,8% de mulheres a afirmarem que “nunca” consomem e 98,4% dos homens.

No que diz respeito a outros tipos de substâncias verifica-se ainda assim, temos mais homens (9,5%) do que mulheres (7,5%) a afirmarem que consomem outros tipos de substâncias “poucas” ou “algumas” vezes, mas existem dados que afirmam que as mulheres apresentam no nível “muitas vezes” 0,2%. Adicionalmente, há 94,2% de mulheres a afirmarem que “nunca” consomem e 90,6% dos homens.

Gênero e assédio e abuso sexual – Presença

Tabela 3 – Frequência de inquiridos que presenciaram situações de assédio e abuso sexual em ambientes de lazer noturno

			De Homens para Mulheres		De Mulheres para Homens		De Homens para Homens		De Mulheres para Mulheres	
			N	%	N	%	N	%	N	%
Comentários incômodos	sexuais	Nunca	15	2,7	105	19,2	188	34,4	217	39,7
		Poucas Vezes	34	6,2	243	44,5	165	30,2	174	31,9
		Algumas vezes	126	23,1	156	28,6	132	24,2	111	20,3
		Muitas Vezes	255	46,7	36	6,6	50	9,2	38	7,0
		Sempre	116	21,2	6	1,1	11	2,0	6	1,1
Insistência face a um de outra pessoa	Não	Nunca	55	10,1	201	36,8	290	53,1	322	59,0
		Poucas Vezes	66	12,1	175	32,1	135	24,7	141	25,8
		Algumas Vezes	145	26,6	126	23,1	84	15,4	68	12,5
		Muitas Vezes	218	39,9	36	6,6	33	6,0	12	2,2
		Sempre	62	11,4	8	1,5	4	0,7	3	0,5
Encurralamento/cercar alguém entre várias pessoas		Nunca	201	36,8	378	69,2	369	67,6	492	77,7
		Poucas Vezes	101	18,5	120	22,0	100	18,3	92	16,8
		Algumas Vezes	116	21,2	37	6,8	57	10,4	26	4,8

	Muitas Vezes	102	18,7	10	1,8	20	3,7	4	0,7
	Sempre	26	4,8	1	0,2	0	0	0	0
Toques não consentidos (p.e. apalpões)	Nunca	37	6,8	193	35,3	266	48,7	305	55,9
	Poucas Vezes	72	13,2	159	29,1	141	25,8	147	26,9
	Algumas Vezes	131	24,0	147	26,9	98	17,9	78	14,3
	Muitas Vezes	226	41,4	41	7,5	36	6,6	15	2,7
	Sempre	80	14,7	6	1,1	5	0,9	1	0,2
Alguém a roçar-se/encostar a outra pessoa	Nunca	43	7,9	184	33,7	273	50,0	308	56,4
	Poucas Vezes	64	11,7	165	30,2	147	26,9	142	26,0
	Algumas Vezes	125	22,9	146	26,7	85	15,6	76	13,9
	Muitas Vezes	231	42,3	45	8,2	37	6,8	19	3,5
	Sempre	83	15,2	6	1,1	4	0,7	1	0,2
Atos sexuais com penetração física	Nunca	504	92,3	533	97,6	532	97,4	534	97,8
	Poucas Vezes	22	4,0	12	2,2	11	2,	12	2,2
	Algumas Vezes	9	1,6	1	0,2	3	0,5	0	0
	Muitas Vezes	6	1,1	0	0	0	0	0	0
	Sempre	5	0,9	0	0	0	0	0	0
Atos sexuais com penetração física SEM força	Nunca	467	85,5	522	95,6	526	96,3	530	97,1
	Poucas Vezes	41	7,5	18	3,3	12	2,2	13	2,4
	Algumas Vezes	22	4,0	2	0,4	7	1,3	2	0,4
	Muitas Vezes	11	2,0	3	0,5	1	0,2	1	0,2
	Sempre	5	0,9	1	0,2	0	0	0	0

Na tabela 3 da página anterior encontram-se os dados referentes às frequências em percentagem de inquiridos que presenciaram situações de assédio e abuso sexual em locais de lazer noturno. A grande maioria afirma já ter presenciado situações de assédio e abuso sexual, com 97,2% a responderem que já presenciaram “comentários sexuais incômodos”; e mais de 90% já ter presenciado situações de “insistência face a um não de outra pessoa”, “toques não consentidos” e “roços”. Relativamente ao “encurrallamento/cerco a alguém por parte de várias pessoas”, os números são igualmente expressivos, com a maioria a afirmar já ter presenciado situações deste tipo (63,2%).

Quanto a atos sexuais com penetração com força física, apenas uma pequena parte afirma já ter presenciado situações deste tipo (7,7%). Já quanto aos atos sexuais sem força física, a percentagem sobe para o dobro, com 14,5% dos inquiridos a afirmarem que presenciaram situações deste tipo.

No que diz respeito ao género, a maioria afirma ter presenciado este tipo de situações essencialmente de “homens para mulheres” (97,2%), mas igualmente de “mulheres para homens” (80,8%), de “homens para homens” (65,6%) e de “mulheres para mulheres” (60,2%). No que diz respeito aos “toques não consentidos” 93,2% afirma que já presenciou de “homens para mulheres”, 64,7% de “mulheres para homens”, 51,2% de “homens para homens” e 44,1% de “mulheres para mulheres”. Seguem-se as respostas a “alguém a roçar-se/encostar as outras pessoas, com 92,1% a responderem que já presenciaram de “homens para mulheres”, 66,3% de mulheres para homens”, 50,0% de homens para homens e 43,6% de mulheres para mulheres. Temos depois as respostas “à insistência face a um não” com 90,0% a afirmar que já presenciou de “homens para mulheres”, 63,3% de “mulheres para homens”, 46,8% de “homens para homens” e 41% de “mulheres para mulheres”. Quanto à situação de “encurrallamento a alguém”, os valores são igualmente expressivos no que diz respeito à prevalência dos homens. Assim, temos 63,2% a responderem que presenciou de “homens para mulheres”, 30,8% de “mulheres para homens”, 32,4% de “homens para homens” e 22,3% de “mulheres para mulheres”. Temos depois os atos sexuais “com penetração sem força física” com 14,5% dos inquiridos a afirmarem que já presenciaram de “homens para mulheres” e nas restantes categorias, de “mulheres para homens”, “homens para homens” e “mulheres para mulheres”, as percentagens situam-se entre os 3% e 4%. Finalmente, nas situações de atos sexuais com penetração com força física, 7,7% afirma já ter presenciado de “homens para mulheres”, sendo as restantes categorias de “mulheres para homens”, de “homens para homens” e de “mulheres para mulheres” pouco acima dos 2 %.

Género e assédio e abuso sexual – Experiência

Tabela 4 – Frequência de inquiridos que experienciaram situações de assédio e abuso sexual em ambientes de lazer noturno

			Por parte de um homem		Por parte de uma mulher	
			N	%	N	%
Comentários incómodos	sexuais	Nunca	79	14,5	311	57,0
		Poucas Vezes	86	15,8	149	27,3
		Algumas vezes	134	24,5	76	13,9
		Muitas Vezes	187	34,2	7	1,3
		Sempre	59	10,8	2	0,4
Insistência face a um de outra pessoa	Não	Nunca	140	25,6	374	68,5
		Poucas Vezes	107	19,6	114	20,9
		Algumas Vezes	125	22,9	47	8,6
		Muitas Vezes	127	23,3	8	1,5
		Sempre	46	8,4	2	0,4
Encurralamento/cercar alguém entre várias pessoas		Nunca	371	67,9	513	94,0
		Poucas Vezes	73	13,4	26	4,8
		Algumas Vezes	71	13,0	6	1,1
		Muitas Vezes	26	4,8	0	0
		Sempre	4	0,7	0	0
Toques não consentidos (p.e. apalpões)		Nunca	132	24,2	371	67,9
		Poucas Vezes	137	25,1	136	24,9
		Algumas Vezes	125	22,9	31	5,7
		Muitas Vezes	119	21,8	6	1,1
		Sempre	30	5,5	0	0
		Nunca	144	26,4	402	73,6

Alguém a roçar-se/encostar a outra pessoa	Poucas Vezes	145	26,6	106	19,4
	Algumas Vezes	109	20,0	31	5,7
	Muitas Vezes	122	22,3	6	1,1
	Sempre	25	4,6	0	0
Atos sexuais com penetração física	Nunca	529	96,9	543	99,5
	Poucas Vezes	13	2,4	2	0,4
	Algumas Vezes	2	0,4	0	0
	Muitas Vezes	0	0	0	0
	Sempre	1	0,2	0	0
Atos sexuais com penetração física SEM força	Nunca	512	93,8	541	99,3
	Poucas Vezes	24	4,4	4	0,7
	Algumas Vezes	6	1,1	0	0
	Muitas Vezes	2	0,4	0	0
	Sempre	1	0,2	0	0

A tabela 4, apresenta as frequências em percentagem dos inquiridos que experienciaram situações de assédio e abuso sexual em ambientes de lazer noturno. Pode-se observar que a grande maioria já experienciou uma situação de assédio e abuso sexual, com 85,5% a afirmar que já “experienciou comentários sexuais incômodos”, mais de 73% “toques não consentidos”, “insistência face a um não”, e “roço apesar da resistência e/ou desconforto”; 46,2% “consumo de bebidas alcoólicas com fins sexuais”; e 31,9% “encurrallamento”. No entanto, apenas uma pequena parte experienciou atos sexuais com penetração, sendo 2,9% e 6,4% com e sem força física, respetivamente.

É de sublinhar, ainda, que estas situações afetam de forma desproporcional as mulheres, sendo essencialmente praticadas por homens. Efetivamente, pode-se observar que o género masculino obtém mais do dobro da percentagem de todas as respostas.

Comportamentos de assédio e abuso sexual do(a) inquirido(a)

Tabela 5– Frequências sobre comportamentos de assédio e abuso sexual por parte dos inquiridos

Comportamentos de assédio e abuso sexual do(a) inquirido(a)	A um homem	A uma mulher	Aos dois
Comentários sexuais incômodos	3,3%	4,4%	0,9%
Convidar outra pessoa a consumir uma bebida alcoólica ou substância psicoativa com fins sexuais	4,4%	4,0%	1,6%
Encurralaste alguém entre várias pessoas	0,2%	0,4%	0,2%
Toques não consentidos (p.e. apalpões)	3,7%	3,3%	1,3%
Roçaste-te/encostaste-te a alguém apesar da resistência ou desconforto	1,6%	1,3%	0,4%
Violação com penetração COM força física	0,0%	0,0%	0,4%
Violação com penetração SEM força física	0,4%	0,0%	0,0%

A tabela 5 apresenta as frequências em percentagem da percepção que os inquiridos têm sobre o seu comportamento enquanto perpetradores de situações de assédio e abuso sexual. Pela análise dos dados, pode-se observar que os inquiridos não se revêm no papel de agressores, pois as percentagens são muito baixas em qualquer forma de assédio e abuso sexual.

Percepção do(a) inquirido(a) sobre o seu próprio estado

Tabela 6 – Frequência da percepção sobre o estado dos inquiridos enquanto vítimas

Percepção do(a) inquirido(a) sobre o seu próprio estado	Consumiu Muito	Consumiu Pouco ou nada
Comentários sexuais incômodos	5,9%	60,6%
Insistência face a um Não	7,5%	51,1%

Convidaram-te a consumir uma bebida alcoólica ou substância psicoativa com fins sexuais	8,4%	30,8%
Encurralaram-te entre várias pessoas	4,4%	24,2%
Toques não consentidos (p.e. apalpões)	7,0%	57,0%
Roçaram-se/encostaram-se a ti apesar da resistência ou desconforto	8,2%	49,6%
Violação com penetração COM força física	1,3%	2,2%
Violação com penetração SEM força física	3,8%	3,2%

A tabela de cima apresenta as frequências em percentagem sobre a percepção que os inquiridos têm do seu estado de consumo de substâncias enquanto vítimas de assédio e abuso sexual. Pode-se observar que a grande maioria reporta que não tinha consumido “nada” ou “muito pouco” em quase todas as formas de assédio e abuso sexual. A exceção dá-se nos casos de violação “com” e “sem” força física, em que as diferenças são muito subtis, mas onde ocorrem muito poucas situações como já referido.

Percepção do(a) inquirido(a) sobre o estado da pessoa agressora

Tabela 7 – Frequência da percepção sobre o estado do agressor

Percepção do(a) inquirido(a) sobre o estado da pessoa agressora	Consumiu	Consumiu
	Muito	Pouco ou nada
Comentários sexuais incómodos	26,0%	44,0%
Insistência face a um Não	29,5%	33,9%
Convidaram-te a consumir uma bebida alcoólica ou substância psicoativa com fins sexuais	15,4%	24,5%
Encurralaram-te entre várias pessoas	11,4%	17,6%
Toques não consentidos (p.e. apalpões)	22,0%	47,8%

Roçaram-se/encostaram-se a ti apesar da resistência ou desconforto	26,2%	38,3%
Violação com penetração COM força física	1,1%	2,8%
Violação com penetração SEM força física	3,1%	3,8%

A tabela de cima apresenta os resultados referentes à frequência em percentagem da percepção que os inquiridos têm sobre o consumo de substâncias psicoativas por parte do agressor. Pode-se observar que na maioria das situações, são mais os inquiridos que reportam que os agressores consumiram “pouco ou nada”. No entanto, a diferença é mais subtil na situação de “insistência face a um não”, em que temos 29,5% a afirmarem que o agressor “consumiu muito” e 33,9% “consumiu pouco ou nada”.

Perceção do estado do inquirido(a) enquanto agressor(a)

Tabela 8 – Frequência do estado dos inquiridos enquanto agressores

Perceção do estado do inquirido(a) enquanto agressor(a)	Consumiu Muito	Consumiu Pouco ou nada
Comentários sexuais incómodos	5,5%	4,0%
Insistência face a um Não	1,8%	2,6%
Convidar alguém a consumir uma bebida alcoólica ou substância psicoativa com fins sexuais	3,5%	5,3%
Encurralaste alguém entre várias pessoas	0,4%	0,4%
Toques não consentidos (p.e. apalpões)	4,8%	3,1%
Roçaste-te/encostaste-te a alguém apesar da resistência ou desconforto	1,8%	1,8%
Violação com penetração COM força física	0,0%	0,0%
Violação com penetração SEM força física	0,0%	0,2%

A tabela 8 apresenta as frequências em percentagem da percepção que os inquiridos têm sobre o seu estado enquanto perpetradores de situações de assédio e abuso sexual. Como já referido, os inquiridos

não se revêm no papel de agressores, pelo que as frequências de consumo e não consumo de substâncias neste contexto são muito baixas.

Percepção do estado da vítima do(a) inquirido(a)

Tabela 9– Frequência do estado das vítimas dos inquiridos que se assumem como agressores

Percepção do estado da vítima do(a) inquirido(a)	Consumiu Muito	Consumiu Pouco ou nada
Comentários sexuais incômodos	5,9%	4,4%
Insistência face a um Não	3,3%	2,0%
Convidar alguém a consumir uma bebida alcoólica ou substância psicoativa com fins sexuais	4,2%	5,3%
Encurralaste alguém entre várias pessoas	1,3%	0,7%
Toques não consentidos (p.e. apalpões)	2,9%	2,6%
Roçaste-te/encostaste-te a alguém apesar da resistência ou desconforto	2,4%	2,6%
Violação com penetração COM força física	0,5%	0,7%
Violação com penetração SEM força física	0,7%	0,9%

A tabela 9 apresenta as frequências em percentagem da percepção que os inquiridos têm sobre o estado das suas vítimas. Como já referido os inquiridos não se revêm no papel de agressores, pelo que as frequências de consumo e não consumo de substâncias não são bastante baixas.

Discussão e Conclusão

O presente estudo teve como principal objetivo conhecer a frequência e tipos de comportamento de violência sexual nos ambientes recreativos noturnos, assim como a sua relação com o consumo de substâncias psicoativas. Neste sentido, procurou-se perceber, primeiramente, a regularidade com que a nossa amostra frequentava os ARN e com que frequência assistia a fenómenos de violência sexual.

Assim é de extrema importância destacar 4 factos mais relevantes quando analisamos os dados

- 1) A violência sexual em ambientes de lazer noturno afeta de forma desproporcional as mulheres e é perpetrada fundamentalmente por homens.;
- 2) A maior parte das situações de violência sexual associadas ambientes de lazer noturno aconteceram ou durante ou após saída à noite.;
- 3) O consumo de substâncias psicoativas parece relacionar-se com a ocorrência de situações de "violação SEM força física" (vítimas estava inconsciente ou sem capacidade de reação.;
- 4) A elevada prevalência de situações de violência sexual contrasta com a baixa incidência de pessoas que se identificaram como agressoras tanto em situações e violências sexual de baixa como de alta intensidade. Assim, verifica-se a existência de "agressores fantasmas", pessoas que não identificam os seus comportamentos como invasivos, importunos ou violentos.

Assim foi possível constatar que a violência sexual tem uma elevada expressão nos ARN sendo que 97,2% a responderem que já presenciaram “comentários sexuais incómodos”; e mais de 90% já ter presenciado situações de “insistência face a um não de outra pessoa”, “toques não consentidos” e “roços”. Relativamente ao “encurralamento/cerco a alguém por parte de várias pessoas”, os números são igualmente expressivos, com a maioria a afirmar já ter presenciado situações deste tipo (63,2%). Quanto a atos sexuais com penetração com força física, apenas uma pequena parte afirma já ter presenciado situações deste tipo (7,7%). Já quanto aos atos sexuais sem força física, a percentagem sobe para o dobro, com 14,5% dos inquiridos a afirmarem que presenciaram situações deste tipo.

À semelhança do que acontece noutros contextos, os contextos festivos impõem variadas tensões às mulheres, que se vêm obrigadas a conciliar vivência destes contextos e consumo de SPA com os papéis sociais que lhes são atribuídos. Também nestes contextos, há uma preocupante prevalência e normalização de situações de violência sexual que urge desconstruir. O uso de SPA surge como agravante das desigualdades de género, visto que, socialmente, o mesmo tipo de consumo desculpabiliza o comportamento do agressor ao mesmo tempo que culpabiliza a vítima pela sua falta de autocontrolo, reproduzindo mitos da violação. (Pires C., Pereira R., Valente H. & Moura H. 2018),

Um estudo realizado por Pires C., Pereira R., Valente H. & Moura H. 2018, revela que existem diferenças de género na vivência de contextos festivos e no uso de SPA, as situações de assédio sexual são trivializadas e encaradas como parte integrante das saídas à noite, e o autocontrolo surge como uma responsabilidade feminina para garantir a sua segurança. Surgiram também discursos particularmente penalizadores das mulheres que não se protegem e que acabam por ser vítimas de violência sexual, perpetuando mitos da violação. Neste âmbito, interessa sublinhar que o consumo de SPA desvia a atenção do cerne do problema – não são os usos de SPA que justificam ou desculpabilizam a violência, o único responsável por estes comportamentos é o agressor.

Sabe-se, através da literatura revista, que existe uma multiplicidade de fatores que facilitam ou propiciam, em maior ou menor grau, a ocorrência de violência sexual em ARN. A normalização de

determinados tipos de violência, retirando-lhes a conotação abusiva, agressiva ou criminal, que terá subjacentes valores partilhados neste grupo de sujeitos, poderá constituir um fator de risco para a sua ocorrência, pelo menos em ARN, embora se possa inferir que não apenas nestes.

Ao nível da especificidade dos consumos de SPAs, o consumo de álcool, quer por parte das pessoas que agrediram, quer das pessoas vitimizadas, é muito expressivo, sobretudo em associação aos dois comportamentos abusivos mais frequentemente reportados na nossa amostra, correspondendo a, pelo menos, metade dos consumos presentes nos restantes tipos de violência sexual. A cannabis é a segunda SPA mais consumida, demarcando-se, contudo, da intensidade do consumo de álcool, de violência sexual mais reportados. Em terceiro lugar, surgem os consumos de ecstasy e cocaína, sendo que, com menor incidência, surgem alguns consumos de anfetaminas e de LSD.

A maioria dos estudos que procuram perceber o papel do consumo de SPAs na violência sexual não medem os consumos das pessoas que não estão envolvidas na agressão. Uma das vantagens do presente estudo foi abranger os tipos de consumos e o estado em ARN tanto das pessoas envolvidas, como das pessoas não envolvidas na violência sexual. Contudo, existe ainda uma necessidade de aprofundar os consumos das pessoas que afirmaram ter sido vítima desta agressão ou terem adotado comportamentos sexualmente agressivos para podermos ter acesso à influência que os consumos produzem nos tipos de violência sexual.

Assim, mais de metade das pessoas que consumiram SPA foram vitimizadas, sendo que o consumo de cannabis é maior neste grupo. No caso das pessoas que agrediram encontrou-se uma relação negativa com os consumos, sendo que existiam menos consumidores de LSD, anfetaminas e ecstasy a agredir.

De destacar, a este nível, um dado aparentemente paradoxal, pois os ARN surgem como variáveis com relevância na condição “ser alvo de violência sexual”, mas não na condição “perpetrar atos de violência sexual”, o que poderá dever-se a um enviesamento provocado pelo reduzido número de pessoas da amostra que admitiu ter perpetrado comportamentos de violência sexual. Este dado deve, por isso, ser lido e analisado com cuidados acrescidos.

Em Portugal, alguns ARN poderão ser considerados hot spots criminais para a violência sexual, principalmente os contextos da cena mainstream, neste caso, bares, festivais e festas académicas. Estes ARN são descritos na literatura como contextos marcados por uma maior impessoalidade e sexualidade, comparativamente à cena underground. Na cena mainstream são permitidos e, por vezes, encorajados, avanços sexuais dirigidos a pessoas desconhecidas. A agressão sexual é normalizada e desvalorizada com base em crenças e valores partilhados pelos frequentadores destes contextos. Ainda segundo a literatura, os ARN mainstream são pautados por uma visão machista e heteronormativa, onde os homens “ganham pontos” pelas conquistas e as mulheres se devem guiar por comportamentos tradicionais de género.

Para além disso, os consumos de SPAs, em particular o consumo de álcool, é fortemente sexualizado nestes espaços. Os ARN são procurados com o intuito de libertação das imposições quotidianas e conexão com o prazer, o que poderá aumentar o risco de ocorrência de violência sexual.

Deste modo, se se considerar que os ARN são locais onde se procura a liberdade, inclusivamente a liberdade sexual e a liberdade sensual, onde se persegue o prazer e a imersão numa cultura hedonista, é necessário ter em conta que esta vivência poderá ser distinta entre homens e mulheres.

No presente estudo, embora não se tenham encontrado diferenças em função do sexo das pessoas vitimizadas, encontraram-se diferenças estatisticamente significativas em função do sexo das pessoas que agrediram, o que poderá reforçar esta ideia de que as mulheres e os homens têm modos diferentes de vivenciar os ARN e de agir dentro deles, principalmente se tivermos em conta que a violência sexual é uma agressão predominantemente intergénero. Da mesma forma, é necessário destacar que a maioria das agressões aqui discutidas têm como alvo mulheres, muito mais frequentemente do que homens, ou seja, os seus condicionalismos e associações serão influenciados pela prevalência do sexo feminino como alvo de violência sexual.

As crenças de género influenciam a maneira como se percebe os consumos, as vivências e os comportamentos nos ARN. Estas têm influência no que é permitido a quem agride, a quem é vitimizado, a quem presencia ou tece julgamentos sobre a agressão, à existência de espaço e oportunidade para agredir e à legitimação da pessoa como alvo da agressão.

Neste sentido, contribuem para que exista uma maior ou menor oportunidade de agressão e para que seja oferecida ou não a possibilidade de proteção dos frequentadores destes espaços.

Tal como foi referido no enquadramento teórico, os estudos revelam que as mulheres que falam com desconhecidos são consideradas mais promíscuas e mais merecedoras de agressões sexuais. Mustaine e Tewksbury (2002) verificaram que o consumo de outras SPAs ilícitas poderia estar mais relacionado com o risco de ser sexualmente vitimizado do que o consumo do álcool. No caso português, Lomba e colaboradores (2011) encontraram que se consumia álcool, cannabis e cocaína de modo a facilitar o envolvimento em comportamentos sexuais. Se esta noção é partilhada pelos frequentadores portugueses de ARN, o seu consumo poderá contribuir para a ideia de disponibilidade sexual de quem consome, aumentando o risco de se ser sexualmente vitimizado.

No presente estudo as pessoas vitimizadas foram principalmente mulheres jovens, embora não existam diferenças significativas em relação à variável sexo, devido ao reduzido número de respondentes do sexo masculino na nossa amostra. Este resultado é concordante com o encontrado na maioria dos estudos empíricos, nos quais o ser mulher surge como um fator de risco da vitimação. No caso das pessoas que agrediram, já se verificaram diferenças significativas, com uma percentagem de homens que agrediu

significativamente superior à das mulheres. Também este resultado é congruente com o revisto na literatura, isto é, ser homem poderá incrementar a probabilidade de agredir.

Refletindo sobre os resultados deste estudo, considera-se pertinente apontar algumas limitações. Relativamente à amostra, consideramos que o seu tamanho e o enviesamento de género limitam a possibilidade de generalização dos resultados. Da mesma forma, o elevado número de estudantes universitários na amostra e de residentes no Porto, assim como a presença relativamente pequena de utilizadores de contextos underground, poderão ter tido alguma influência nos resultados encontrados.

Construiu-se um questionário com vista a proceder a uma primeira caracterização da violência sexual ocorrida em ambientes recreativos noturnos. Se, por um lado, este estudo cumpre o seu propósito de contribuir para a caracterização do panorama nacional do fenómeno, por outro, apresenta a limitação de ignorar algumas especificidades. Neste sentido, se fossem realizadas questões mais específicas, por exemplo, questionar em que ARN ocorreu uma situação específica de violência sexual, poder-se-iam obter informações mais concretas que poderiam ser relevantes para a compreensão do fenómeno.

Por sua vez, a própria metodologia quantitativa, embora tendo a vantagem de permitir uma recolha de dados em maior quantidade num curto espaço de tempo, apresenta desvantagens, sendo que, ao limitar-se à partida a qualidade e a natureza das informações recolhidas, se poderá estar a negligenciar variáveis importantes para um mais aprofundado conhecimento do fenómeno. Seria, por isso, importante e útil o desenvolvimento de estudos qualitativos com recurso a metodologias de observação no terreno, observação participante e/ou entrevistas em profundidade, que nos permitissem aceder aos significados e funções dos consumos nos diferentes ARN, aos significados atribuídos aos diferentes tipos de violência sexual e a uma mais completa compreensão da relação destes com o uso de SPAs. Outro caminho possível para a investigação passa por perceber melhor as crenças e significados dos consumos de SPAs na cena mainstream portuguesa, para além dos estudos realizados até então em determinadas subculturas, assim como as crenças acerca da violência sexual.

Poder-se-ia, igualmente, recolher narrativas acerca das agressões e dos consumos junto de pessoas envolvidas em atos de violência sexual em ARN e procurar perceber mais especificamente quais as suas crenças em relação a papéis de género, à agressão sexual, às expectativas e crenças em relação, não só aos consumos, mas também aos comportamentos a esperar em determinados ARN.

Pensa-se que o principal objetivo deste trabalho, o de aumentar conhecimento sobre a violência sexual na realidade portuguesa e a sua interação com fatores contextuais, consumos e crenças foi alcançado. Neste sentido espera-se que o conhecimento produzido consiga contribuir para um apoio mais eficaz às pessoas vitimizadas, uma maior consciencialização e, conseqüentemente, aumento de proteção das pessoas que frequentam ARN, para um maior e melhor esforço no sentido de se criar medidas preventivas que poderão antever e evitar a ocorrência deste tipo de violência em contextos festivo e, entre outros, para um funcionamento mais adequado do sistema de justiça.

Considera-se importante aprofundar o estudo do fenómeno com o objetivo de implementar medidas preventivas em relação à violência sexual nos ARN. Pelo que, seria pertinente realização de um estudo hipotético dedutivo que nos permitisse perceber se existe uma relação direta entre o consumo de substâncias e a ocorrência de violência sexual nos ambientes recreativos noturnos, com o objetivo de compreender de que maneira estes consumos atuam como facilitadores deste tipo de comportamentos.

Em termos de ações preventivas, o Observatório Noctambul@s (2016) recomenda: dar mais visibilidade aos abusos sexuais menos graves; promover uma má imagem do abusador; co-responsabilizar os espaços de diversão noturna e sensibilizar o seu staff para a identificação de situações de assédio e abuso sexual; responsabilizar os agressores pelos seus comportamentos sem usar o consumo de SPA como desculpa; reforçar a necessidade de consentimento. No seu relatório de 2017 acrescentam também: a necessidade de as autarquias se responsabilizarem pela promoção de campanhas neste âmbito; o papel dos media para desconstruir a normalização destes comportamentos e dar-lhes visibilidade; a necessidade de implicar também o setor privado da diversão noturna para reduzir comunicação e imagens sexistas e implementar protocolos de atuação no caso de ocorrerem casos de agressões sexuais nos seus espaços; e interpelar não apenas quem agride mas eventuais testemunhas abraçando uma lógica de responsabilidade coletiva. (Pires C., Pereira R., Valente H. & Moura H. 2018)

Referências bibliográficas

Abbey, A., McAuslan, P. & Ross, L. T. (1998). Sexual assault perpetration by college men: The role of alcohol, misperception of sexual intent, and sexual beliefs and experiences. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 17(2), 167.

Abbey, A. (2002). Alcohol-related sexual assault: A common problem among college students. *Journal of studies on alcohol. Supplement*, 14, 118.

Abbey, A. & McAuslan, P. (2004). A longitudinal examination of male college students' perpetration of sexual assault. *Journal of consulting and clinical psychology*, 72(5), 747.

Abbey, A., Zawacki, T., Buck, P. O., Clinton, A. M. & McAuslan, P. (2004). Sexual assault and alcohol consumption: What do we know about their relationship and what types of research are still needed? *Aggression and violent behavior*, 9(3), 271-303.

Abbey, A. (2011). Alcohol's role in sexual violence perpetration: Theoretical explanations, existing evidence and future directions. *Drug and alcohol review*, 30(5), 481-489.

Anderson, I. (2007). What is a typical rape? Effects of victim and participant gender in female and male rape perception. *British journal of social psychology*, 46(1), 225-245.

Balash M., Faucha M. & Sanchez Antelo V., Social Consultancy Spora Sinergies & Pires C. & Carvalho H., Research on Education and Community Intervention (RECI), (2018) Sex-Related Differences in Heavy Episodic Drinking among Young Adults Living in Porto, Bologna and Tarragona: Patterns, Protective Behaviors and Negative Consequences

Balvanes, M. & Caputi, P. (2001). *Introduction to quantitative research methods* (1st edition). London: Sage Publications.

Becker, S. & Tinkler, J. (2015). "Me Getting Plastered and Her Provoking My Eyes" Young People's Attribution of Blame for Sexual Aggression in Public Drinking Spaces. *Feminist criminology*, 10(3), 235-258.

Bernardo, M. & Carvalho, M. C. (2012). O significado do uso de drogas no discurso de jovens consumidores portugueses. *Health and Addictions*, 12(2), 227-252.

Bonett, D. G. & Wright, T. A. (2000). Sample size requirements for estimating Pearson, Kendall and Spearman correlations. *Psychometrika*, 65(1), 23-28.

- Buddie, A. M. & Parks, K. A. (2003). The role of the bar context and social behaviors on women's risk for aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 18(12), 1378-1393.
- Calado, V. (2006). *Drogas Sintéticas. Mundos Culturais, Música Trance e Ciberespaço. Observatório de Drogas e Toxicodependências*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência.
- Chaves, M. (2003). Rave: Imagens e éticas de uma festa contemporânea. In Cordeiro, G. Í., Baptista, L.V. & Costa, A.F., *Etnografias urbanas* (pp.191-204). Oeiras: Celta Editora.
- Código de Penal e de Processo Penal (2010). *Lei n.º 83/2015, de 5 de agosto, artigo 170º (8ª ed.)*
- Cohen, L. E. & Felson, M. (1979). Social change and crime rate trends: A routine activity approach. *American sociological review*, 588-608.
- Cruz, O. (2011). *Histórias e trajetórias de consumidores 'não problemáticos' de drogas ilícitas*. Unpublished master's thesis, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Folgar, M. I., Rivera, F. F., Sierra, J. C. & Vallejo-Medina, P. (2015). Binge drinking: conductas sexuales de riesgo y drogas facilitadoras del asalto sexual en jóvenes españoles. *Suma Psicológica*, 22(1), 1-8.
- Fonte, C. & Manita, C. (2003). Consumos de drogas em estudantes da Universidade do Minho: construções de significados. *Toxicodependências*, 9(3), 61-74.
- Fox, J. G. & Sobol, J. J. (2000). Drinking patterns, social interaction, and barroom behavior: A routine activities approach. *Deviant Behavior*, 21(5), 429-450.
- Grubb, A. & Harrower, J. (2008). Attribution of blame in cases of rape: An analysis of participant gender, type of rape and perceived similarity to the victim. *Aggression and Violent Behavior*, 13(5), 396-405.
- Grubb, A. & Turner, E. (2012). Attribution of blame in rape cases: A review of the impact of rape myth acceptance, gender role conformity and substance use on victim blaming. *Aggression and Violent Behavior*, 17(5), 443-452.
- Hagemann, C. T., Helland, A., Spigset, O., Espnes, K. A., Ormstad, K. & Schei, B. (2013). Ethanol and drug findings in women consulting a Sexual Assault Center—Associations with clinical characteristics and suspicions of drug-facilitated sexual assault. *Journal of forensic and legal medicine*, 20(6), 777-784.
- Henriques, S. (2003). Novos consumos em ambientes de lazer: “Risco cultivado”? In Cordeiro, G. Í., Baptista, L.V. & Costa, A.F. (eds). *Etnografias urbanas* (pp.179-189). Oeiras: Celta Editora.
- Horvath, M. A. & Brown, J. (2006). The role of drugs and alcohol in rape. *Medicine, science and the law*, 46(3), 219-228.

- Hutton, F. (2004). 'Up for it, mad for it? Women, drug use and participation in club scenes'. *Health, risk & society*, 6(3), 223-237.
- Jansen, K. L. & Theron, L. (2006). Ecstasy (MDMA), methamphetamine, and date rape (drug-facilitated sexual assault): a consideration of the issues. *Journal of psychoactive drugs*, 38(1), 1-12.
- Julião, A.; Gonçalves, F.; Fidalgo, T. M.; Silveira, D. X. Transtornos Relacionados Ao Uso De Drogas. In: Prado, F. C.; Ramos, J. A.; Valle, J. R. Atualização terapêutica: diagnóstico e tratamento. 24. ed. São Paulo: Artes Médicas, 2012.
- Kavanaugh, P. R. & Anderson, T. L. (2009). Managing physical and sexual assault risk in urban nightlife: individual-and environmental-level influences. *Deviant Behavior*, 30(8), 680-714.
- Kavanaugh, P. R. (2013). The Continuum of Sexual Violence Women's Accounts of Victimization in Urban Nightlife. *Feminist Criminology*, 8(1), 20-39.
- Kavanaugh, P. R. (2015). Pathways on the sexual violence continuum: A lifestyles theory of victimization in urban nightlife. *Journal of Crime and Justice*, 38(4), 454-472.
- Koss, M. P. & Oros, C. J. (1982). Sexual Experiences Survey: a research instrument investigating sexual aggression and victimization. *Journal of consulting and clinical psychology*, 50(3), 455.
- Koss, M. P., Abbey, A., Campbell, R., Cook, S., Norris, J., Testa, M., Ullman, S., West, C. & White, J. (2007). Revising the SES: A collaborative process to improve assessment of sexual aggression and victimization. *Psychology of Women Quarterly*, 31(4), 357-370.
- Leonard, K. E. (1989). The impact of explicit aggressive and implicit nonaggressive cues on aggression in intoxicated and sober males. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 15(3), 390-400.
- Loiselle, M. & Fuqua, W. R. (2007). Alcohol's effects on women's risk detection in a date-rape vignette. *Journal of American College Health*, 55(5), 261-266.
- Lomba, L., Apóstolo, J., Mendes, F. & Campos, D. C. D. (2011). Jovens portuguesas que frequentam ambientes recreativos nocturnos. Quem são e comportamentos que adoptam. *Revista Toxicodependências*, 17(1), 3-15.
- (Lomba, L., Apóstolo, J., Loureiro, H., Graveto, J., Silva, M. & Mendes, F., 2008). Consumos e comportamentos sexuais de risco na noite de Coimbra. *Revista Toxicodependências*, 14(1), pp. 31-41
- Lopes, J. T., Bóia, P. D. S., Ferro, L. & Guerra, P. (2010). Género e música electrónica de dança: experiências, percursos e retratos de mulheres clubbers. *Sociologia, Problemas e práticas*, 62, 35-56.
- Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R. & Manita, C. (2012). Escala de crenças sobre violência sexual (ECVS). *Análise Psicológica*, 30(1-2), 177-191.

- Martins, D., Valente, H. & Pires, C. (2015). CHECK! NG: A última fronteira para a Redução de Riscos em contextos festivos. *Saúde e Sociedade*, 24(2), 646-660.
- McKimmie, B. M., Masser, B. M. & Bongiorno, R. (2014). What counts as rape? The effect of offense prototypes, victim stereotypes, and participant gender on how the complainant and defendant are perceived. *Journal of interpersonal violence*, 1-31.
- Minnaert, M. (2012). *Cultura raver. Estudo sociológico sobre os consumos de droga e os estilos de vida das tribos pós-modernas*. Unpublished master's thesis, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Miranda, A. (2007). *Relação Fusional Clubbing e drogas – Percepções pelos profissionais do ócio nocturno*. Unpublished master's thesis, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal.
- Monk, L. & Jones, A. (2014). Alcohol consumption as a risk factor for sexual assault: A retrospective analysis. *Journal of forensic and legal medicine*, 23, 55-61.
- Monson, C. M., Langhinrichsen-Rohling, J. & Binderup, T. (2000). Does “no” really mean “no” after you say “yes”? Attributions about date and marital rape. *Journal of Interpersonal Violence*, 15(11), 1156-1174.
- Noctambul@s. 2016. Informe 2014/2015. Fundación Salud y Comunidad. Disponível em <http://www.drogasgenero.info/noctambulas/informes/#fb1=1> [Consultado em 2019].
- Noctambul@s. 2017. Tercer Informe Anual 2015/2016. Disponível online em: <http://www.drogasgenero.info/noctambulas/informes/#fb1=1> [Consultado em 2019].
- NUTT, D. J.; KING, L. A.; PHILLIPS, L. D. Drug harms in the UK: a multicriteria decision analysis. *The Lancet*, v. 376, n. 9752, p. 1558-1565, nov. 2010.
- Olszewski, D. (2009). Sexual assaults facilitated by drugs or alcohol. *Drugs: Education, prevention and policy*, 16(1), 39-52.
- Parkhill, M. R. & Abbey, A. (2008). Does alcohol contribute to the confluence model of sexual assault perpetration?. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 27(6), 529-554.
- Parks, K. A. & Miller, B. A. (1997). Bar victimization of women. *Psychology of Women Quarterly*, 21(4), 509-525.
- Pires C., Pereira R., Valente H. & Moura H. (2018), *Violência Sexual E Consumo De Substâncias Psicoativas: Podem Os Contextos Festivos Ser Educativos?* n.º 37, pp. 143-158.
- Rhodes, T. (2002). The ‘risk environment’: a framework for understanding and reducing drug-related harm. *International Journal of Drug Policy*, 13(2), 85-94.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A. Manual de Farmacologia Psiquiátrica. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

Schwartz, M. D. & Pitts, V. L. (1995). Exploring a feminist routine activities approach to explaining sexual assault. *Justice Quarterly*, 12(1), 9-31.

Scott-Ham, M. & Burton, F. C. (2005). Toxicological findings in cases of alleged drug-facilitated sexual assault in the United Kingdom over a 3-year period. *Journal of clinical forensic medicine*, 12(4), 175-186.

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD). (2017). Relatório de Atividades 2017. Lisboa: SICAD.

Trigueiros, L. & Carvalho, M. C. (2010). Novos usos de drogas: um estudo qualitativo a partir das trajetórias de vida. *Toxicodependências*, 16(3), 29-44.

Ullman, S. E., Karabatsos, G. & Koss, M. P. (1999). Alcohol and sexual assault in a national sample of college women. *Journal of interpersonal violence*, 14(6), 603-625.

Ullman, S. E. (2003). A critical review of field studies on the link of alcohol and adult sexual assault in women. *Aggression and Violent Behavior*, 8(5), 471-486.

van der Bruggen, M. & Grubb, A. (2014). A review of the literature relating to rape victim blaming: An analysis of the impact of observer and victim characteristics on attribution of blame in rape cases. *Aggression and violent behavior*, 19(5), 523-531.

Whatley, M. A. (1996). Victim characteristics influencing attributions of responsibility to rape victims: A meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior*, 1(2), 81-95.

